

# A EUCARISTIA, SACRAMENTO DA CARIDADE

## ESCOLA DE MINISTÉRIOS: MECs

Foi-me pedido que concretizasse o tema geral deste 38º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica com os Ministros Extraordinários da Comunhão [= MECs] neste tempo dedicado à «Escola de Ministérios». A tarefa não é de todo fácil porque não disponho do texto das conferências principais da Semana. Vou, por isso, desenvolver a temática por minha conta e risco, a partir da Liturgia da Igreja e dos documentos do Magistério, procurando valorizar tudo o que, a meu ver, possa ser mais útil à formação e ação dos MECs.

### 1. INTRODUÇÃO

Às vezes acontece escutar declarações bombásticas em que, para enaltecer a importância da caridade na missão da Igreja e no testemunho cristão, pessoal e comunitário, se deprecia a vida litúrgica e, nomeadamente, a celebração eucarística. Nada mais errado, ensina a tradição bimilenária da Igreja e confirma-nos Bento XVI, tanto na sua primeira encíclica (*Deus Caritas est*, nn.13-14) como na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*.

Começemos por notar que já São Paulo, em 1 Cor 16, 2, vincula a prática da comunhão fraterna, concretizada na partilha de bens em favor dos «santos» (cristãos das comunidades da Palestina que padeciam indigência), ao «primeiro dia da semana», o domingo, dia primordial do culto cristão. Depois, assistimos ao testemunho extraordinário de São Justino que, por meados do século II, refere como prática habitual, associada à Eucaristia no «dia chamado do Sol» (outra designação do Domingo que perdura nas línguas germânicas e anglo-saxónicas), a partilha de bens: «Os que vivem em abundância e querem repartir, dão, cada um o que lhe apraz e parece bem. E o que se recolhe é deposto aos pés daquele que preside, e ele, por seu turno, presta assistência aos órfãos, às viúvas, aos doentes, aos pobres, aos prisioneiros, aos estrangeiros de passagem, numa palavra, a todos os que sofrem necessidade» (*Apologia* I, 67, 6). A Eucaristia é, assim, desde bem cedo, o lugar por excelência da prática da beneficência e da «caridade social».

«Desde o princípio, com o pão e o vinho para a Eucaristia, os cristãos trazem as suas ofertas para a partilha com os necessitados. Este costume, sempre actual, da *colecta* [cf. 1 Cor 16, 1] inspira-se no exemplo de Cristo, que Se fez pobre para nos enriquecer [cf. 2 Cor 8, 9]» (*CatIgCat* 1351).

«Assim se compreende – recorda Bento XVI na enc. *Deus caritas est* n. 16 – por que motivo o termo *agape* se tornou também um nome da Eucaristia: nesta, a *agape* de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua ação em nós e através de nós».

Na mesma encíclica explicou bem o atual Pontífice que não se podem dissociar as três vertentes da missão da Igreja: «A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros» (n. 25). Onde esta separação acontece, a caridade degrada-se numa «espécie de assistência social» que até se pode delegar porque deixou de brotar da natureza íntima da Igreja, deixou de pertencer à sua essência (*Ibid.*).

Não. Não é por engano que as Missionárias da Caridade da Beata Teresa de Calcutá dedicam tanto tempo à adoração eucarística. E o mesmo fazem muitas outras Congregações religiosas de vida ativa. Onde residirá o segredo da diferença da sua presença nos hospitais, nas escolas, nos lares de idosos, nas atividades apostólicas e missionárias mais diversas? Responda quem souber. Tenho por certo que, em muitos casos, o «segredo» está na sua constância no culto eucarístico,

quer participando na celebração eucarística, quer demorando-se, de dia e de noite, em adoração ao SS. Sacramento reservado no Sacrário ou exposto solenemente.

Na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI evidencia este nexos: «Cada celebração eucarística atualiza sacramentalmente a doação que Jesus fez da sua própria vida na cruz por nós e pelo mundo inteiro. Ao mesmo tempo, na Eucaristia, Jesus faz de nós testemunhas da compaixão de Deus por cada irmão e irmã; nasce assim, à volta do mistério eucarístico, o serviço da caridade para com o próximo, que consiste precisamente no facto de eu amar, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. [...] Por conseguinte, as nossas comunidades, quando celebram a Eucaristia, devem consciencializar-se cada vez mais de que o sacrifício de Jesus é por todos; e, assim, a Eucaristia impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se “pão repartido” para os outros e, consequentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno» (n. 88).

## 2. NO PRINCÍPIO...

No princípio está a Caridade.

Peço que recordeis a Narração da Instituição da Eucaristia, tal como ela é rezada na Oração Eucarística IV, prece que a Igreja dirige ao «Pai de bondade e Fonte da Vida» que num exagero de amor nos enviou como Salvador o seu Filho Unigénito, feito homem pelo poder do Espírito Santo. A Narração da Instituição desta Oração Eucarística reporta-se ao início do capítulo 13 do Evangelho segundo São João:

«Quando chegou a hora em que ia ser glorificado por Vós, Pai Santo, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. E durante a Ceia...».

Peço que registeis aqui uma aparente divergência entre o relato evangélico e a Liturgia da Igreja. Abrindo a Bíblia, após esta introdução solene do v. 1, o capítulo 13º de São João prossegue com o episódio do lava-pés. É assim que lemos, precisamente, na Missa «*in coena Domini*» em Quinta-Feira Santa. Mas na oração eucarística segue-se o relato dos gestos e palavras do Senhor ao instituir a Eucaristia, conforme se pode ler nos Evangelhos de São Marcos ou São Mateus.

Registemos o facto: São João, que no capítulo 6º já tinha alicerçado a fé eucarística da Igreja nas palavras ditas por Jesus na Sinagoga de Cafarnaúm após a multiplicação dos pães, não sentiu a necessidade de nos deixar o relato da instituição da Eucaristia. E no lugar e momento em que os outros Evangelhos sinóticos situam a instituição da Eucaristia optou por nos oferecer a narração do lava-pés com o mandato do amor e do serviço fraterno.

Estarão em contradição os Evangelistas?

Olhemos para além da superfície das coisas e não nos deixemos iludir pelas aparências. Mais do que divergentes, as perspectivas de São João e dos Sinóticos são complementares. Na escolha das leituras da Missa da Ceia do Senhor e, de forma expressa, nesta oração eucarística IV do Missal Romano, a Igreja faz a síntese, permitindo-nos ir até ao cerne do mistério onde sacramento e vida têm a sua nascente, na mesma fonte divina da Caridade. A nascente da Eucaristia, do mandato novo do amor e do serviço fraterno e recíproco é uma só: a caridade extrema e extremosa d'Aquele que nos amou até ao fim, e assim transformou o fim em ponte – em páscoa – da qual, doravante havemos de viver. E se a Igreja na sua Liturgia associa e chega até a fundir a instituição da Eucaristia com o mandato do serviço fraterno, então não podemos dissociá-los, contrapô-los: **celebrar a Eucaristia e viver a caridade fraterna é a mesma coisa.** E **vice-versa**: sem referência à Eucaristia celebrada, adorada e vivida, o serviço ao próximo é pura filantropia, a caridade falece e a solidariedade resume-se a assistência social que dependerá mais dos orçamentos do que de um «coração que vê».

Os teólogos escolásticos relacionavam «*sacramentum*» – o «sinal sagrado» –, «*res*» – a graça própria ou efeito sobrenatural do sacramento – e uma realidade intermédia, que já é fruto do sacramento mas ainda partilha com ele a condição de «sinal» e que designavam por «*sacramentum et res*». No caso da Eucaristia diríamos que nos sinóticos o acento recai no «*sacramento*» (o sinal sagrado da Ceia primeira e novíssima). A «*res*» deste Sacramento da Eucaristia é a graça da Comunhão com Cristo. São João foca-nos nesta realidade intermédia – *sacramentum et res* – que é a Igreja enquanto comunhão fraterna de amor e serviço de que o episódio do lava-pés é o ícone. Mas para termos a perceção global do mistério eucarístico temos de fazer convergir os três: o sacramento da Ceia do Senhor, a prática do amor e do serviço fraterno e a comunhão com Cristo, comunhão subsistente na Santa Igreja, Corpo de Cristo e Esposa amada do Cordeiro.

Para concluir este ponto, fiquemos com a síntese do *Catecismo da Igreja Católica*, instrumento que Bento XVI repropõe a toda a Igreja como referência segura a conhecer melhor no próximo Ano da Fé. Lê-se no seu nº 1337:

«Tendo amado os seus, o Senhor amou-os até ao fim. Sabendo que era chegada a hora de partir deste mundo para regressar ao Pai, no decorrer duma refeição, lavou-lhes os pés e deu-lhes o mandamento do amor (cf. *Jo* 13, 1-17). Para lhes deixar uma garantia deste amor, para jamais se afastar dos seus e para os tornar participantes da sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memorial da sua morte e da sua ressurreição, e ordenou aos seus Apóstolos que a celebrassem até ao seu regresso, «constituindo-os, então, sacerdotes do Novo Testamento».

No princípio, portanto, está a Caridade. No princípio da Eucaristia.

E o que é que estará no «no princípio» desta forma de serviço dos chamados «Ministros extraordinários da Comunhão»?

Remeto-vos para o documento que criou este «ministério extraordinário» e que a Congregação para a Disciplina dos Sacramentos publicou, com a aprovação de Paulo VI, no dia 29 de Janeiro de 1973. Segundo a praxe romana, estes documentos são conhecidos pelas primeiras palavras do texto oficial, quase sempre em Latim. Como é designado o documento que criou os «MECs»? Instrução *Immensae Caritatis* ! Nada mais, nada menos.

Começa assim a versão portuguesa deste documento que todos podem ler em EDIL 2725:

«O testemunho de caridade infinita, que o Senhor Jesus Cristo deixou à Igreja sua Esposa, constituído pela Eucaristia, dom inefável e o maior de todos os seus dons, exige que tão grande mistério seja cada dia mais profundamente conhecido e que se participe da sua virtude salvífica, cada vez com maior intensidade».

Isso mesmo. A Eucaristia é **o testemunho da caridade infinita**, imensa, incomensurável, do Senhor Jesus para com a sua amadíssima Esposa, a nossa Santa Mãe Igreja. E os Ministros Extraordinários da Comunhão decorrem também da mesma fonte, estão ao serviço do mesmo Amor divino. Nas circunstâncias da época, salvaguardando sempre o respeito devido ao Santíssimo Sacramento, a Igreja do pós Concílio, movida pela sua solicitude maternal – mais uma vez, a Caridade – quis alargar a possibilidade de acesso à sagrada Comunhão aos fiéis devidamente dispostos para que, «mediante uma participação mais frequente e mais ampla nos frutos do Santo Sacrifício da Missa, se dediquem, com maior disponibilidade e com zelo mais activo, a Deus e ao bem da Igreja e da humanidade». Havia então que providenciar «antes de mais nada» no sentido de «evitar que, por falta de ministros, se torne impossível ou difícil receber a sagrada Comunhão» (*Ibid.*). E assim foi criado este ministério extraordinário:

«Assim, para que os fiéis que se encontram em estado de graça e desejam, animados de recta e piedosa intenção, participar no banquete eucarístico, não se vejam privados da ajuda e conforto espiritual deste Sacramento, o Sumo Pontífice julgou oportuno instituir ministros extraordinários, que possam administrar a sagrada Comunhão tanto a si mesmos como aos outros fiéis, quando se verifiquem as seguintes condições...» (*Ibid* 2727).

As condições estabelecidas em 1973 continuam a balizar o desempenho do vosso ministério extraordinário:

– haja falta ou impedimento de ministros ordinários (sacerdotes e diáconos) ou acólitos instituídos (que são estavelmente «ministros extraordinários da comunhão»)

- Na Missa, quando for grande o número de comungantes e se corra o risco de prolongar demasiadamente a celebração;
- Fora da Missa, principalmente em favor dos doentes, mesmo a modo de viático.

No princípio, portanto, está a caridade. No princípio da Eucaristia. No princípio dos MECs.

Os MECs nascem do imenso Amor de Cristo para com a sua Esposa, a Santa Igreja, amor de que a Eucaristia é testemunho vivo e perene. E são uma feliz concretização do amor maternal da Santa Igreja para com os seus filhos que, sem este serviço, teriam muito diminuídas as possibilidades de, pela comunhão sacramental, participar no Sagrado Banquete e assim se saciarem dos frutos do Sacramento do Amor.

### 3. AMOR PEDE AMOR

Amor pede amor ou, como reza o ditado, «amor com amor se paga».

Os Ministros extraordinários da Comunhão devem sentir-se desafiados a fazer da sua participação na celebração eucarística um ato de amor.

Qual preceito! Que forma tão mesquinha e parcial de motivar a participação dos fiéis na celebração eucarística dominical! O *YOUCAT* – uma adaptação para os jovens do Catecismo da Igreja Católica distribuído nas JMJ de Agosto de 2011 – explica que falar da participação na Eucaristia dominical em termos de «preceito» é como falar a um par de enamorados num imaginário «preceito do beijo». Será, porventura, necessário um preceito desses? Se não é necessário o preceito do beijo para os apaixonados se beijarem, também não deveria ser necessário o preceito da Eucaristia dominical para nela participarmos com alegria, com fascínio, com paixão. É o encontro com Aquele que nos amou até ao fim, que nos deu a maior prova de amor entregando a vida por nós, que renova, melhor, faz presente essa dívida inaudita, incomensurável, no sacramento do altar. Na Eucaristia, o Amado aí está, sempre no transe pascal de dar a Vida no Espírito eterno e de nesse mesmo Espírito a receber do Pai, derrotando a morte para sempre. Como é fria, distraída, formal, distante a nossa participação na celebração do banquete do Senhor! Como chega até a ser aborrecida e entediante! Como é distraída a nossa Comunhão com Cristo Palavra que não ouvimos nem deixamos ouvir! Como é frívola e rotineira a nossa participação no banquete do Cordeiro! ... Felizes os convidados!? Felizes? Sendo assim, como poderemos comungar com este mesmo Cristo no sacramento do irmão, do próximo de quem fugimos, do distante de quem não nos aproximamos?

Os MECs, antes de colaborar na distribuição da Sagrada Comunhão, têm de ser entusiastas da celebração Eucaristia, capazes de contagiar esse mesmo entusiasmo aos frívolos e negligentes. Ao ministrarem a comunhão sacramental estão a ser instrumentos e mediadores da máxima união que pode haver entre o Criador e a criatura, entre Deus e o Homem, entre Cristo e a Igreja. É união real, sacramental, mistérica, «mística, portanto, no sentido mais denso da palavra. Como podem colaborar na mística – ser «mistagogos» – sem eles próprios serem «místicos»? E como podem ser místicos se não conhecem o que celebram, se não celebram o que vivem, se não amam o que celebram?

Deixai-me ainda acrescentar um ponto. Os MECs não faltarão jamais – a não ser por impedimentos alheios à sua vontade – à Eucaristia Dominical. Mas isso é o mínimo. Em princípio, a mesma obrigação íntima deverá ser sentida e satisfeita por todos os batizados. Mas por que contentar-se com o mínimo se podemos ter mais? Os MECs, que descobriram o fogo que arde nos nossos altares, fogo que aquece e ilumina, poderão contentar-se com a Missa Dominical se podem em cada dia participar na celebração quotidiana da Eucaristia? Há fiéis que em cada dia se abeiram da Mesa do Senhor. O normal é que os MECs pertençam ao número desses íntimos que em cada dia se renovam na aliança e se saciam do amor divino para o irradiar ao longe e ao largo. Estudai os vossos horários, informai-vos dos horários das igrejas da área onde

residis, se necessário fazei ajustamentos nas vossas rotinas pessoais e familiares, e vinde todos os dias, ou sempre que possível à nascente. «Todos vós que tendes sede, vinde! Vinde e comprai, sem dinheiro e sem despesa, vinho e leite!».

Não estou a recomendar a negligência em relação aos próprios deveres de estado em nome de um cristianismo beato de «ratos de sacristia» que se entregam à ociosidade murmuradora e apenas exercitam a língua na malediscência dos adros alimentando intrigas e fomentando tudo o contrário à Eucaristia, sacramento da caridade. Deus nos livre desse cristianismo de falsos beatos e beatas. Mas Deus nos abençoe com o fervor de homens e mulheres que em cada dia, como a formiguinha laboriosa, acorrem à Igreja para celebrar os divinos mistérios, alimentar a piedade, e carregar com o trigo do amor divino para a vida, para o mundo, para o próximo, numa partilha que nunca se esgota, porque o celeiro é inexaurível e eles bem sabem o caminho para lá.

Amor com amor se paga.

A Eucaristia é também mistério de adoração. Jesus Cristo está realmente presente, na integridade do seu Ser humano e divino, nas Sagradas Espécies congradadas. É uma presença que permanece e que pede o reconhecimento, acolhimento e adoração dos fiéis. Bem sabemos que a finalidade primária da reserva eucarística é a comunhão dos doentes e ausentes. Mas essa finalidade primária não exclui, antes pressupõe, um culto de adoração na Missa e fora da Missa, de forma privada e silenciosa ou de forma pública e solene. Por isso acendemos uma luz diante do Sacrário e velamos para que jamais se apague. Por isso genufletimos e ajoelhamos. Por isso fazemos visitas ao Santíssimo Sacramento nos silêncios das horas mortas que assim nos vivificam. Por isso organizamos exposições mais solenes do Santíssimo Sacramento, o entronizamos no meio de luzes, o envolvemos em nuvens de incenso, o levamos em procissão cantando hinos pelas ruas de aldeias e cidades. Por isso até calendarizamos o sagrado *laus perene*... A fé que reconhece esta presença sublime do Senhor Jesus, não pode deixar de a adorar.

O *Catecismo da Igreja Católica* resume e recorda:

«Uma vez que Cristo em pessoa está presente no Sacramento do Altar, devemos honrá-Lo com culto de adoração. “A visita ao Santíssimo Sacramento é uma prova de gratidão, um sinal de amor e um dever de adoração para com Cristo nosso Senhor” (MF)» (1418).

A presença de Cristo na Eucaristia é uma expressão de amor (cf. 1337) que pede a contrapartida do acolhimento da fé e do amor:

«É verdadeiramente conveniente que Cristo tenha querido ficar presente na sua Igreja deste modo único. Uma vez que ia deixar de estar presente com os seus, sob forma visível, Cristo quis dar-nos a sua presença sacramental; e visto que ia sofrer na Cruz para nos salvar, Cristo quis que tivéssemos o memorial do amor com que nos amou “até ao fim” (Jo 13, 1), até ao dom da própria vida. Com efeito, na sua presença eucarística, Ele ficou misteriosamente no meio de nós, como Aquele que nos amou e se entregou por nós [Gal 2, 20], e permanece sob os sinais que exprimem e comunicam este amor» (CatIgCat 1380).

Permiti-me que me demore um pouco num «pormenor». Mas o amor ou falta dele começa no que é grande e nunca acaba... Aprimora-se e refina-se nos «pormenores», nos detalhes insignificantes. Lê-se no nº 11 dos *Preliminares* do Ritual da Sagrada Comunhão e do Culto do Mistério Eucarístico Fora da Missa:

«Diante do tabernáculo em que se conserva a santíssima Eucaristia esteja acesa continuamente uma lâmpada especial, com que se indique e honre a presença de Cristo.

Conforme o costume tradicional, a lâmpada deve ser alimentada, na medida do possível, com azeite ou cera».

Se esta lâmpada fosse apenas um sinal convencional, bem pouco importaria o combustível de que ela se alimenta. Era uma questão de acertar a convenção e o resultado – localizar e identificar o lugar da Sagrada Reserva – estaria assegurado. Mas aqui lidamos mais com «símbolos» do que com meros sinais. E então já não serve uma lâmpada qualquer, ligada à tomada da eletricidade e, em breve, esquecida... Como é curta a distância do simbólico ao

diabólico, que é o seu oposto. O símbolo une, o diabo desune, divide. A lâmpada do Santíssimo significa e exprime tanto a presença do Sacramento como a fé e o amor de uma comunidade, de, ao menos, um fiel. É que não basta acendê-la: é preciso alimentá-la, cuidá-la, não deixar que se apague. E tudo isso não custa quando há amor. Quando se deixa que uma imitação barata tome o seu lugar, até nos podemos dar ao luxo de nos esquecermos da presença adorável do Senhor. Em alguns lados, a lâmpada elétrica já fundiu há semanas quando o responsável se apercebe de que não há luz, não há sinal... O Habitante escondido do Sacrário está esquecido...

Sei de uma paróquia – e o mesmo acontecerá em tantas outras – em que os fiéis se prodigalizam em ofertas de azeite para a preciosa lâmpada. E o Santíssimo, que nunca deixou de ser quem é, de amar até ao fim, partilha com os pobres o azeite que lhe dão. E até a mesa dos pobres é iluminada pelo azeite da lâmpada humilde da Igreja paroquial. Porque a eucaristia é o Sacramento do amor.

Os MECs estão, pois, constituídos em promotores – em primeiro lugar mediante o exemplo – do culto à Santíssima Eucaristia, na Missa e fora da Missa. A este respeito, faço aqui duas propostas:

– que os MECs, quando a vida profissional ou a situação de aposentação lho consintam, se voluntariem e organizem dentro de cada paróquia ou comunidade, em diálogo com os responsáveis pastorais das mesmas, no sentido de garantir, com a sua presença efetiva, que as Igrejas possam estar abertas no horário mais alargado possível.

– que, sob a orientação dos Pastores da Igreja, os MECs se empenhem na revitalização das Confrarias do Santíssimo Sacramento recuperando o que de mais positivo e perene essas Instituições asseguraram, atualizando os seus Estatutos conforme a normativa canónica vigente e as exigências de um culto renovado segundo a letra e o espírito do II Concílio do Vaticano e do Magistério supremo da Igreja.

Amor com amor se paga.

Depois há o depois.

Quando os fiéis já não podem vir à sua Igreja celebrar a Divina Eucaristia porque a saúde débil ou a avançada idade lhes tolhem as forças físicas, vai a Eucaristia às casas deles, ou às enfermarias dos hospitais e aos lares de idosos. E aqui entram decididamente os MECs. Nascidos da Imensa Caridade do Senhor Jesus são portadores do tesouro mais precioso que a Santa mãe Igreja recebeu e recebe em cada dia do Seu amadíssimo Esposo. Tesouro que esta Mãe solícita deseja partilhar com todos os seus filhos, por humildes, pobres e enfermos que sejam.

A propósito deste vosso serviço, tão maravilhoso, deixai-me tecer algumas considerações.

- a) Se possível, ao Domingo
- b) Se possível, acompanhados
- c) Conscientes de um mandato, de uma representação
- c) Não como assistentes sociais ou agentes da pastoral da saúde – ambas as coisas são boas e necessárias – mas de olhos e coração bem abertos e atentos à pessoa concreta, com todas as suas circunstâncias e necessidades.
- d) Sem equívocos: o importante não é a vossa visita, mas a d’Ele
- e) Num clima de recolhimento e oração, mas sem perder a naturalidade.

## 4. MINISTROS DA COMUNHÃO

### Ministros Extraordinários da Comunhão

O conceito bíblico e teológico de «comunhão» é muito amplo, abrangendo realidades e dimensões diversas da vida e da missão da Igreja. De que comunhão sois vós «ministros extraordinários»?

Naturalmente, estais ao serviço da comunhão no Sacramento do Corpo do Senhor. Foi isso que, diretamente vos foi pedido, para isso fostes investidos: para que os fiéis impedidos de se deslocar à igreja para nela participar na celebração do mistério eucarístico possam receber o Corpo do Senhor da Mesa sagrada do Altar e alimentar-se, assim, do Pão da Vida; e para facilitar aos fiéis que participam em assembleias mais numerosas a participação no mesmo banquete pascal, para o qual são convidados, sem prolongar excessivamente a celebração. Vós colocais-vos ao serviço da Mesa do Senhor, colaborando com aqueles a quem compete em primeiro lugar partir e repartir com os fiéis, seus irmãos, o Pão da Vida, na falta ou insuficiência dos ministros ordinários e sempre sob a sua orientação.

A mesa da família de Deus tem um presidente que age «*in persona Christi*», fazendo as vezes do próprio Senhor Jesus, o único que nos pode dar o seu Corpo em alimento. Vós não presidis: servis. Servis à Mesa Santa, quando e se for necessário. Grande honra, grande privilégio porque não é uma mesa qualquer nem são iguarias comuns o que deveis apresentar aos irmãos. Mas, sobretudo e sempre, serviço: humilde, disponível, impecável, responsável, abnegado...

O convite do Senhor, expresso nas próprias palavras da Instituição, é inequívoco. Aliás, já na sinagoga de Cafarnaúm o mesmo apelo fora feito: é preciso comer a carne do filho do Homem e beber o seu Sangue para ter a vida em si (*Jo* 6, 53). A correspondência a este convite não pode ser descurada. Os mais veteranos certamente recordam um tempo em que bem poucos se abeiravam da Mesa Sagrada da Comunhão. Bem poucos, raras vezes e habitualmente fora da Missa... Na maior parte das celebrações eucarísticas apenas o sacerdote comungava no momento próprio, a partir dos dons consagrados nessa mesma celebração. Os ministros extraordinários da Comunhão deram, a seu modo, um contributo histórico para que os fiéis tenham deixado de «assistir» à celebração eucarística como espectadores mudos, passivos e alheados, passando a ter acesso franco à verdadeira e plena «participação», a participação sacramental, que, naturalmente, pressupõe a aceitação do convite expresso nas palavras com que o Senhor nos deixou a sua presença nas sagradas Espécies: «Tomai, todos, e comei...».

Custa-me a aceitar que haja gente saudosa desses tempos de indigência extrema em que o povo cristão tinha escasso acesso tanto à mesa da palavra como à mesa da Eucaristia. Não obstante o empenho abnegado de alguns movimentos como o do Apostolado da Oração que, contudo, eram mais devocionais que litúrgicos. Custa-me a aceitar esse saudosismo. Mas compreendo um pouco que ele exista como reação a um exagero e banalização que se introduziu na forma de se participar no Banquete Eucarístico.

Sim. A comunhão no Corpo do Senhor jamais se deveria tornar banal ou trivial. E isso, lamentavelmente, acontece. A comunhão tem condições e pre-requisitos. Supõe preparação e um sério exame de consciência, segundo a grave advertência de S. Paulo (*1 Cor* 11, 27-29). «A assembleia deve preparar-se para o encontro com o seu Senhor» (*CatIgCat* 1098). Sem essa preparação, que é «obra comum do Espírito Santo e da mesma assembleia», à manducação física do sacramento não corresponderá uma comunhão real. Sem esta docilidade ao Espírito que desperta a fé, motiva a conversão do coração, sintoniza o comungante com o querer de Deus, as graças, os frutos da comunhão acabam por se perder e a vida cristã degrada-se em vez de progredir. A docilidade a esta moção do Espírito pode, mesmo, implicar, para aqueles que tenham a consciência de algum pecado grave, a prévia celebração da Reconciliação:

«Aquele que quiser receber Cristo na comunhão eucarística deve encontrar-se em estado de graça. Se alguém tem consciência de ter pecado mortalmente, não deve aproximar-se da Eucaristia, sem primeiro ter recebido a absolvição, no sacramento da Penitência» (*CatIgCat* 1415; cf. 1355 e 1385).

Não é fora de propósito recordar aqui que o «sacrilégio» é um pecado especialmente grave:

«O *sacrilégio* consiste em profanar ou em tratar indignamente os sacramentos e outras acções litúrgicas, bem como as pessoas, as coisas e os lugares consagrados a Deus. **O sacrilégio é um pecado grave, sobretudo quando tem por objecto a Eucaristia** pois que, neste sacramento, é o próprio Corpo de Cristo que Se nos torna presente de modo substancial» (*CatIgCat* 2120).

Todo o comungante deve ter a noção da sua indignidade e, reconhecendo-a com humildade, aproximar-se com confiança da mesa do Senhor. A Liturgia ajuda-nos a comungar com as melhores disposições, quer pondo-nos na boca orações inspiradas («*Senhor, eu não sou digno...*»), quer sugerindo-nos a preparação do jejum eucarístico, quer recomendando-nos gestos e atitudes corporais (1386-1387).

O que acabamos de dizer não pretende, de forma alguma, anular a regra de que a participação na Missa com as disposições devidas inclui a comunhão. Os documentos do Magistério até a recomendam, se possível com o Corpo do Senhor consagrado nessa mesma celebração. Segundo a afirmação de SC 55, esta é uma forma «mais perfeita» de participação na Missa (*CatIgCat* 1388).

A doutrina da presença integral de Cristo sob cada uma das espécies ou parte das mesmas legitima a prática da comunhão apenas sob uma das espécies, normalmente sob a de pão: é a prática habitual no Rito latino, que não priva os fiéis da plenitude dos frutos da Eucaristia. Entretanto, quer a *IGMR* quer mesmo o *CatIgCat* reconhecem a superioridade «litúrgica» da comunhão sob as duas espécies, prática adoptada pela Igreja Oriental. «***Enquanto sinal, a Sagrada Comunhão realiza-se de uma forma mais plena*** quando se faz sob as duas espécies. Nesta forma manifesta-se mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico» (*CatIgCat* 1390; cf *IGMR* 240).

Quando a comunhão é ministrada desta forma mais plena, pode tornar-se mais necessária a disponibilidade de MECs devidamente preparados e capazes para ministrar o cálice do Senhor, que, como sabemos, implica maior atenção e cuidado quer porque há um risco acrescido de se derramar o Sangue do Senhor, quer porque os fiéis estão menos habituados à comunhão desta Espécie.

À pergunta de que «comunhão» sois ministros extraordinários, respondeu-se: da comunhão eucarística, da participação no banquete do Corpo e Sangue de Jesus. Só que esta Comunhão é cume e fonte de toda a Comunhão. Não é possível comungar com Cristo sem comungar com os Irmãos e sem aprofundar os laços da comunhão eclesial, em todos os seus patamares.

Por isso, ser ministro da Comunhão sacramental implica um **estilo de vida** e um compromisso ao serviço da comunhão eclesial e da unidade de toda a família humana. Ao mesmo tempo, ser ministro da comunhão é ser confrontado com uma exigência particular de **santidade**, uma vez que as realidades santas devem ser tratadas santamente. Explicitemos um pouco:

«*O cálice da bênção que abençoamos não é acaso comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos, não é participação no Corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que participamos todos desse único pão*»: são palavras da 1ª carta de S. Paulo aos Coríntios. A Eucaristia encerra, portanto, o mistério da unidade da Igreja: significa-a e realiza-a. Recebendo o Corpo de Cristo somos edificados em Corpo de Cristo: é o nosso próprio mistério que recebemos. Como pode o ministro da Comunhão, servir o Sacramento sem se comprometer com a realidade que ele sacramentaliza e em vista da qual foi instituído como sacrifício da nova e eterna Aliança? Isto é – voltemos ao início – como pode servir à Mesa da Eucaristia sem se comprometer no estilo de vida e de serviço exemplificado pelo nosso Mestre no Lava-pés?

Hoje, como sempre, dentro e fora da Igreja não faltam tensões, divisões e conflitos, latentes e patentes: porque a Igreja e o mundo ainda não estão completamente «eucaristizados», segundo a sugestiva expressão e neologismo do mártir São Justino. Se quisermos uma palavra mais técnica, consagrada pelos teólogos e pelo Concílio de Trento, diremos que a *transubstanciação* ainda não passou das Sagradas Espécies para a Igreja e para o Mundo. E é difícil, é árdua, esta «*transubstanciação*» porque, a par da acção divina do Verbo e do Espírito, pressupõe a liberdade humana e «respeita» as nossas resistências. Se, liturgicamente, a epiclese de consagração – a primeira epiclese de que falou o conferencista de ontem – demonstra a sua eficácia na transubstanciação dos dons, a epiclese de comunhão é ainda invocação, acompanhada pelos gemidos do Espírito, em



processo de ser atendida num movimento de «já» e «ainda não» que nos projeta para uma escatologia que desejaríamos antecipar mas que permanente e prudentemente nos alimenta a reserva crítica e profética: ainda não chegamos lá, ainda não se manifestou em plenitude o que já somos embrionariamente, por graça *gratis data*. «*O mesmo Espírito Santo faça de nós uma oferenda permanente, a fim de alcançarmos a herança eterna com a Virgem Santa Maria Mãe de Deus, os Apóstolos e todos os Santos...*».

Servir real e lealmente a Comunhão no Corpo Eucarístico de Cristo é apostar na unidade e dar-lhe todas as *chances*. Mas este serviço não se esgota no momento da celebração: tem um antes e um depois... O ministro extraordinário da Comunhão será, pois, alguém que faz da bem-aventurança dos construtores da paz o seu programa de vida: será ordinariamente extraordinário no testemunho da unidade e na promoção do encontro, diálogo e reconciliação dos irmãos e dos grupos desavindos. Esta é uma missão que não requer menos de 24 horas por dia. E que começará pela própria família e/ou comunidade de que se é membro.

Esta unidade só funcionará eficazmente em termos horizontais se todos se encontrarem «em Cristo» e no Seu Espírito de amor. E o próprio ministro – ordinário ou extraordinário – tem de viver com verdadeira radicalidade esta união a Cristo Jesus. Para fazer comunhão ele não se propõe a si, com as suas belas qualidades, mas oferece em alimento a Palavra e o Corpo de Cristo. Palavra e Pão de que ele próprio se nutre. E aqui vem de novo ao pensamento a severa advertência de S. Paulo: «*examine-se cada qual a si mesmo!*». O Apóstolo tinha em mente aqueles que por viverem em contradição com o Sacramento da Ceia do Senhor, por pecarem contra a unidade da Igreja, em vez de alimento de vida comiam e bebiam na mesa sagrada a sua própria condenação. Com muita mais razão se deverão examinar com rigor aqueles que se aproximam do altar não apenas para receber mas também ministrar o Corpo do Senhor! A sua vida e os seus costumes hão-de ser evangelicamente modelares. O seu progresso na conversão a Cristo e em todas as virtudes não poderá deter-se nunca em nenhum patamar de perfeição. Aproximando-se do Sacramento da Reconciliação com a necessária frequência, e a conveniente diligência, hão-de viver habitualmente na graça de Deus não ousando profanar com o seu pecado o santíssimo sacramento de que sempre serão indignos servidores. Não aconteça que depois de terem aproveitado aos outros eles próprios venham a ser reprovados pelo Juiz que sonda os corações e os sentimentos mais íntimos e para o Qual não pode haver dissimulação.

Mas dissipemos qualquer temor ou pessimismo recordando que os ministros extraordinários da comunhão, juntamente com um encargo e um serviço, recebem também um precioso meio de santificação que lhes abre um caminho real pelo qual podem realizar a comum vocação à santidade. E também a Igreja, que lhes confia tão nobre missão, não deixa de os amparar com a Sua solicitude maternal e a Sua oração poderosa de Esposa dilecta do Senhor. Para isso e por isso, recebem uma bênção especial no dia em que são liturgicamente designados para este ministério: «*Deus infinitamente bom, ... dignai-vos abençoar estes vossos servos, para que, distribuindo fielmente o pão da vida aos seus irmãos e confortados com a força deste sacramento, venham a participar no banquete celeste*» (*Ritual do Ministro...*, Apêndice, n. 10).

## 5. PELOS FRUTOS OS CONHECEREIS

Se a Igreja proclama e celebra o mistério de Cristo na sua Liturgia, é «para que os fiéis dele vivam e dele dêem testemunho ao mundo» (*CatIgCat* 1068). «“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo” (2 *Cor* 13, 13) devem estar sempre connosco e dar frutos, para além da celebração eucarística» (*CatIgCat* 1109). Daí que, na perspectiva da temática deste Encontro, faça todo o sentido falar dos diversos «frutos» da Comunhão. Na minha exposição vou apoiar-me no *Catecismo* da Igreja Católica (*CatIgCat* 1391-1401), instrumento que devemos procurar conhecer melhor no Ano da Fé que está para abrir em 11 de Outubro p.f..

Todos os frutos da Comunhão estão relacionados com a presença e acção do Espírito Santo, «a seiva da videira do Pai, que dá os seus frutos nos sarmentos [cf. *Jo* 15, 1-17; *Gal* 5, 22]» (*CatIgCat* 1108). Não admira, por isso, que os encontremos mencionados a propósito dos conteúdos típicos da *epiclese* que «é também a oração para o pleno efeito da comunhão da assembleia no mistério de Cristo. [...] Por isso, a Igreja pede ao Pai que envie o Espírito Santo, para que faça da vida dos fiéis uma oferta viva a Deus pela transformação espiritual à imagem de Cristo, pela preocupação da unidade da Igreja e pela participação na sua missão, mediante o testemunho e o serviço da caridade» (*CatIgCat* 1109).

Quais são, então, os principais frutos da participação na Eucaristia pela Comunhão? O *CatIgCat* dá-nos o seguinte *resumo*:

«A sagrada Comunhão do Corpo e Sangue de Cristo aumenta a união do comungante com o Senhor, perdoa-lhe os pecados veniais e preserva-o de pecados graves. E uma vez que os laços de caridade entre o comungante e Cristo são reforçados, a recepção deste sacramento reforça a unidade da Igreja, Corpo Místico de Cristo» (1416).

Antes de articular um pouco mais este discurso acerca dos «frutos» da Comunhão, permiti-me uma provocação. Talvez alguém fique chocado com este modo de falar, mas não é minha intenção escandalizar ninguém. E às vezes, um choque pode ajudar a cair na conta do que, realmente, está em causa.

Imaginemos – pura ficção – que, estando vós a ministrar a sagrada comunhão aos fiéis e apesar de todo o cuidado, uma partícula consagrada se desprende e cai por terra. Imaginemos, de seguida, que antes de terdes tido tempo de a recolher, um ratito corre veloz, a apanha, a devora e foge. Pergunto: Será que o rato comungou? ...

Não. O rato não é capaz de comungar. Pode devorar hóstias consagradas, pode deglutir a sagrada espécie, mas não comunga. Nele tudo se reduz a um facto biológico, fisiológico. A comunhão pressupõe a dimensão espiritual, a relação pessoal, o conhecimento, a vontade e a afetividade. No caso da Eucaristia, a comunhão pressupõe, para além de tudo isso, a vida teologal: fé, esperança, caridade. Os ratos não comungam, mesmo que devorem hóstias. E os fiéis, que se aproximam do ministro, na fila dos comungantes? Será que comungam todos? Será que comungam sempre? Não se dará o caso de também se limitarem ao patamar biológico dos ratos que apenas comem, deglutem? A dimensão espiritual/pessoal – conhecimento, discernimento do que estão a fazer, vontade, liberdade... – estará envolvida? Haverá relação pessoal com Cristo e com os irmãos ao nível propriamente teologal? É imprudente julgar pessoas concretas somente pelas aparências. Mas também não devemos fechar os olhos às «evidências». E o que é evidente é que, tendo aumentado notoriamente o consumo de partículas, não se vê que haja mais ou melhor «comunhão». Pelo menos, não se vêem os seus frutos e, disse-nos o Mestre, «pelos frutos os conhecereis». Devemos então concluir que o número dos comungantes está longe de igualar o dos «devoradores» de hóstias consagradas... Temos demasiados «ratos» nas nossas igrejas!

Fecho o *aparte*.

## 5.1. Comunhão com Cristo

Se «a finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr em comunhão com Cristo, para formar o seu Corpo» (*CatIgCat* 1108), então, ao considerar os frutos da comunhão, não podemos separar o aspecto cristológico do eclesiológico. Devemos, contudo, hierarquizá-los: **em primeiro lugar está a comunhão com Cristo**, na linha daquela que é a acção típica do Espírito em todo e qualquer sacramento:

«O Espírito cura e transforma os que o recebem, conformando-os ao Filho de Deus. O fruto da vida sacramental é que o Espírito de adopção deifique [cf. 2 *Pd* 1, 4] os fiéis, unindo-os vitalmente ao Filho único, o Salvador» (1129).

Quem se alimenta com a Eucaristia entra em comunhão com Cristo Jesus e, por Ele com Ele e n'Ele, com o Pai, na unidade do Espírito Santo. O Discurso do Pão da Vida, em S. João,

sublinha isso mesmo: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue **permanece em mim e eu n'Ele**» (Jo 6, 56). E o Evangelista vai ainda mais longe: «Assim como o Pai que vive me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por Mim» (6, 57): por meio do alimento eucarístico Jesus estabelece com os crentes uma relação análoga à que tem com o Pai. Mais e melhor: prolonga com eles essa mesma e singular relação vital. Como dizia Santo Agostinho, «A virtude própria deste divino alimento é uma força de união: une-nos ao Corpo do Salvador e faz de nós seus membros para que nos transformemos n'Aquele que recebemos» (Santo Agostinho, *Serm.* 57, 7,7; cf. *CatIgCat* 2837). Daí o potencial «divinizador» da comunhão eucarística.

«Eu sou o Pão dos fortes. Cresce e comer-me-ás! Não serás tu a transformar-me em ti, como fazes com os alimentos do teu corpo. Mas tu é que serás transformado em Mim!» (Santo Agostinho, *Confissões...*). Como é belo considerar sob esta perspectiva o processo de assimilação que deixa assim o patamar da biologia e da fisiologia para se elevar à ordem da graça e da união sobrenatural!

Tinha razão, embora não dissesse tudo, o *Catecismo* da nossa infância que nos obrigavam a saber de cor: «Comungar é receber Jesus na Hóstia consagrada»! O **fruto principal** desta comunhão é a união com Cristo (*CatIgCat* 1391) que Jesus tanto recomendou na Última Ceia: «Permaneço em Mim, como Eu em vós (...). Eu sou a cepa, vós os ramos» (Jo 15, 4-5). Esta comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso, anunciada após a multiplicação dos pães, acontece efetivamente graças à Comunhão sacramental: «Quem come a minha carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo 6, 56) (cf. *CatIgCat* 787; cf. 755, 787, 1416).

## 5.2. Crescimento da Vida Cristã

Sendo a Eucaristia «o nosso pão de cada dia» (*CatIgCat* 2837) e «o alimento da vida nova» recebida no Baptismo (*CatIgCat* 1244), é consequente enumerar entre os frutos da Comunhão o **crescimento da vida cristã**:

«O que o alimento material produz na nossa vida corporal, realiza-o a Comunhão de modo admirável na nossa vida espiritual. A comunhão na Carne de Cristo Ressuscitado, “vivificada pelo Espírito Santo e vivificante” (*PO* 5), conserva, aumenta e renova a graça recebida no Baptismo. Este crescimento da vida cristã precisa de ser alimentado pela Comunhão eucarística, pão da nossa peregrinação até à hora da morte, em que nos será dado como viático» (1392; cf. 1212, 1524).

Este «fruto» atribuído à comunhão lembra-me a história do rato... Vós, que tendes olhos para ver e capacidade para analisar, dissei-me como tem crescido a vida cristã: nas famílias, nas escolas, nas empresas, nas repartições públicas, nos costumes, nas leis... Não tem crescido?! Parece que não. Então tem sido em vão o aumento do consumo de partículas. Aqui há «rato»...

## 5.3. O Perdão

A Eucaristia é o memorial sacramental do «*sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens por meio do “Cordeiro que tira o pecado do mundo”» e do «*sacrifício da Nova Aliança* que restabelece a comunhão entre o homem e Deus, reconciliando-o com Ele pelo “sangue derramado pela multidão, para remissão dos pecados”» (*CatIgCat* 613; cf. 610 s). É de supor, por isso, que a «aplicação» dos frutos deste sacrifício aos fiéis também terá alguma eficácia em ordem à remissão dos pecados e à reconciliação. A Eucaristia é mesmo o «sacramento da Redenção» (*CatIgCat* 1846). Por isso, ao apresentar os frutos da Comunhão o *CatIgCat* refere, em 3º lugar, que ela **nos afasta do pecado**.

Comungar é participar no sacrifício de Cristo. Com efeito, o Corpo e Sangue que se recebem na Comunhão são os que Cristo entregou *por nós* e derramou «*em remissão dos pecados*». De certo modo, este fruto está implícito no primeiro:

«A Eucaristia não pode unir-nos a Cristo sem nos purificar, ao mesmo tempo, dos pecados cometidos e nos preservar dos pecados futuros» (1393).

Entretanto, esta eficácia em ordem à remissão dos pecados não autoriza equívocos com o sacramento da Penitência: de si, «a Eucaristia não está ordenada ao perdão dos pecados mortais; isso é próprio do sacramento da Reconciliação» (*CatIgCat* 1395). Recorda-nos também a *IGMR* que a oração de absolvição com que termina o *Ato Penitencial* da Missa « carece da eficácia do sacramento da penitência» (n. 51).

Como compreender, então, este «efeito» da Comunhão? O *Catecismo* explica que a Eucaristia «fortifica a caridade... e esta caridade vivificada *apaga os pecados veniais*» (*CatIgCat* 1394). Mais ainda, esta caridade radicaliza a conversão do fiel, radicando-o cada vez mais firmemente em Cristo, libertando-o dos afectos desordenados pelas criaturas e preservando-o dos pecados mortais futuros. «Quanto mais participarmos na vida de Cristo e progredirmos na sua amizade, mais difícil nos será romper com Ele pelo pecado mortal» (*CatIgCat* 1395). Não se exclui, portanto, um efeito medicinal *curativo*, mas trata-se, sobretudo, de uma eficácia medicinal *preventiva*.

## 5.4. Comunhão eclesial

«O fruto do Espírito na Liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna [cf. 1 Jo 1, 3-7]» (*CatIgCat* 1108).

Por isso, «o fruto da vida sacramental é, ao mesmo tempo, pessoal e eclesial. Por um lado, esse fruto é, para todo o fiel, viver para Deus em Cristo Jesus; por outro, é para a Igreja crescimento na caridade e na sua missão de testemunho» (1134).

Estas observações, que valem para todos os sacramentos, aplicam-se por maioria de razão à Eucaristia. Importa, por isso, referir a direcção horizontal dos seus frutos. Nunca será demais enaltecer o facto de Jesus ter escolhido para este sacramento um símbolo profundamente humano e fraterno: a partilha do pão e do vinho, com toda a carga de fraternidade, festa e partilha que esses elementos encerram. No centro da assembleia eucarística sempre estará uma mesa e, nela, um pão que se parte e reparte e um cálice que se partilha...

Sim. O que decorei no *catecismo* da minha infância estava certo: «Comungar é receber Jesus na Hóstia Consagrada». Mas estava incompleto. Ou, melhor, estava demasiadamente resumido e é preciso explicitar o implícito. Porque Jesus não é só Ele. É Ele – Cabeça – e o Seu Corpo eclesial. Por isso, comungar não é nunca um ato individual, privado. Pessoal, sim. Privado, não. Eu não faço a «minha comunhão» e regresso ao lugar para aguardar que os outros interessados também façam as «suas» «comunhões». E entretanto estou sentado, de pé, de joelhos, de cócoras, como me apetecer, e faço as minhas orações ou distrações, cada qual por si... Se houver 300 comungantes não há trezentas comunhões, mas uma só. Comungo com Cristo e com os Irmãos. Recebo o Corpo de Cristo e incorporo-me nesse Corpo, com todos os comungantes. A Comunhão é um ato pessoal, sim, mas comunitário, eclesial: Muitos, formam um só Corpo porque todos comem do mesmo e único Pão da Vida (cf. *1 Cor* 10, 16-17). Por isso é que, na medida do possível, há-de haver unidade – e até unanimidade – nos gestos, nas atitudes, nas preces, no canto.

O *Catecismo* dá grande relevo a este **efeito eclesial**. É toda a relação entre a Igreja e a Liturgia que está aqui implicada. Como já ensinou o Concílio, as acções litúrgicas não só pertencem a todo o Corpo da Igreja, mas também o manifestam e afectam (*SC* 26; cf. 1140). De facto, a Liturgia «realiza e manifesta a Igreja como sinal visível da comunhão de Deus e dos homens por Jesus Cristo» (*CatIgCat* 1071). A Igreja, portanto, não é apenas «Liturgia», sujeito agente da Liturgia (sempre dependente de Cristo e associada a Ele): é também efeito, «obra» da mesma Liturgia. Releia-se, a este propósito a última encíclica do Beato João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*.

A Igreja chega a ser «Corpo de Cristo» porque vive do «Corpo de Cristo» (*CatIgCat* 752).

«Os sacramentos são “da Igreja” no duplo sentido de que são “por ela” e “para ela”. São “pela Igreja”, porque ela é o sacramento da acção de Cristo que nela opera, graças à missão do Espírito Santo. E são “para a Igreja”, isto é, são os “sacramentos que fazem a Igreja, porque manifestam e comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus-Amor, um em três pessoas» (*CatIgCat* 1118).

Naturalmente, também este efeito depende da energia do Espírito de Comunhão, invocado na Epiclese correspondente:

«A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr em comunhão com Cristo, para formar o seu Corpo. [...] Na Liturgia realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na Liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna [cf. *1 Jo* 1, 3-7]» (*CatIgCat* 1108).

Como dissemos, isto vale para toda e qualquer celebração litúrgica. Mas é na Eucaristia, «Sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade» (*CatIgCat* 1323 cf. SC 47), que esta dimensão mais se evidencia. A própria noção de «comunhão dos santos» que, no símbolo dos Apóstolos, descreve a identidade da Igreja, é à Eucaristia que se aplica primariamente.

«“A comunhão dos santos é a comunhão nos sacramentos (...); o nome de comunhão ... convém mais à Eucaristia do que a qualquer outro, porque é principalmente ela que consuma esta comunhão” (*Catc. Rom.* 1, 10, 24)» (950). «*A Igreja é “comunhão dos santos”: esta expressão designa, em primeiro lugar, as “coisas santas” (sancta) e, antes de mais, a Eucaristia, pela qual é “representada e se realiza a unidade dos fiéis que constituem um só Corpo em Cristo” (LG 3)*» (*CatIgCat* 960).

Por isso «o próprio da Eucaristia é ser o sacramento daqueles que estão na plena comunhão da Igreja» (*CatIgCat* 1395). É nela, com efeito, «que se manifesta plenamente o sacramento da Igreja» (*CatIgCat* 1142).

Uma oportuna catequese de S.to Agostinho a propósito do diálogo da Comunhão («Corpo de Cristo – Amen») ilustra esta doutrina (*CatIgCat* 1396):

«Se sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor, é o vosso sacramento que recebeis. Vós respondeis «Ámen» [«Sim, é verdade!»] àquilo que recebeis e, ao responder, o subscreveis. Tu ouves esta palavra: «O corpo de Cristo»; e respondes: «Ámen». Então, sê um membro de Cristo, para que o teu «Ámen» seja verdadeiro» (SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 272: PL 38, 1247).

É assim que, de facto, «a Eucaristia faz a Igreja» e que «a comunhão renova, fortalece e aprofunda esta incorporação à Igreja já realizada pelo Baptismo» (*CatIgCat* 1396). Este é também um fruto que decorre da união com Cristo, porquanto esta união com a Cabeça faz dos comungantes um Só Corpo.

«A sagrada Comunhão do Corpo e Sangue de Cristo aumenta a união do comungante com o Senhor... E uma vez que os laços da caridade entre o comungante e Cristo são reforçados, a recepção deste sacramento reforça a unidade da Igreja, Corpo Místico de Cristo» (*CatIgCat* 1416).

Não se pode esquecer que o objectivo último do sacrifício de Cristo, de que a Eucaristia é memorial, é a unidade dos homens com Deus e entre si, sem limites nem barreiras. Por isso, e na mesma linha, o Catecismo falará da relação entre a Eucaristia e a Unidade dos cristãos. E não apenas da unidade *ad extra* para a qual tendem os esforços do movimento ecuménico. Também da unidade *ad intra*:

«... “Deus não aceita o sacrifício dos fautores da desunião; manda-os retirar do altar para que primeiro se reconciliem com os seus irmãos: Deus quer ser aplacado com corações de paz. A mais bela obrigação para com Deus é a nossa paz, a nossa concórdia, a unidade no Pai e no Filho e no Espírito Santo de todo o povo fiel” (S. Cipriano, *Dom. or.* 23)» (*CatIgCat* 2845).

Justamente se enumera, entre os frutos da Liturgia na vida dos fiéis, o serviço da unidade da Igreja (*CatIgCat* 1072).

No tocante à unidade ecuménica, vivemos em tensão entre o «já» e o «ainda não». Ponto de partida é a fé na unicidade da Igreja:

«... A Igreja é una, graças ao seu fundador: “O próprio Filho Encarnado reconciliou todos os homens com Deus pela sua Cruz, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só Corpo” (GS 78, § 3) ...» (CatIgCat 813).

Contudo, não podemos esconder os limites que subsistem à intercomunhão, sobretudo com as comunidades eclesiais saídas da Reforma que «não conservaram a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico» (CatIgCat 1400). Ainda não chegou a hora de todos os que se dizem cristãos participarem da mesma Eucaristia, do mesmo Altar. Entretanto, a participação assídua na Eucaristia pode e deve incentivar o desejo da plena unidade. E o movimento ecuménico precisa desta energia, deste desejo ardente, para ter substracto espiritual (CatIgCat 1399).

## 5.5. Compromisso social

O Catecismo da Igreja católica não se esquece de enumerar, entre os frutos da Comunhão, o **compromisso em favor dos pobres**. Uma citação de Mt 25, 40 recorda a necessidade de reconhecer Cristo na pessoa dos mais pobres para poder receber, «na verdade», o seu Corpo e Sangue entregues por nós (1397). Certamente não é por acaso que o mais antigo texto eucarístico que a geração apostólica nos legou – a 1 Cor 11 – questiona a celebração da «Ceia do Senhor» precisamente a partir da prática ou não da fraternidade: não pode pretender tomar parte no Corpo eucarístico do Senhor aquele que, por desprezar os seus irmãos, não discerne o seu Corpo eclesial. E se o fizer, será réu do Corpo e Sangue do Senhor, isto é, em vez de participar no memorial da redenção está como que a assassinar de novo o seu Senhor. Daí a advertência a que cada qual «se examine a si mesmo» para não comungar indignamente. São João Crisóstomo, num texto famoso, faz uma censura equivalente:

«Saboreaste o sangue do Senhor e não reconheces sequer o teu irmão. Desonras esta mesa, se não julgas digno de partilhar o teu alimento aquele que foi julgado digno de tomar parte nesta mesa. Deus libertou-te de todos os teus pecados e chamou-te para ela; e tu nem então te tornaste mais misericordioso» (SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam I ad Corinthios, Homilia 27, 5*: PG 61, 230, texto citado por CatIgCat 1397).

Porque vem a propósito da temática desta semana, vale a pena anotar que o CatIgCat, na *Introdução à Segunda Parte*, acerca do «nome» *Liturgia*, de uso escasso no NT, sublinhou que nesse nome se insinua a unidade entre culto, anúncio do Evangelho e «caridade em acção». Daí que não se possa, em regime cristão, contrapor o serviço de Deus e o dos homens (cf. CatIgCat 1070). O «testemunho e o serviço da caridade» estão incluídos entre os frutos da Eucaristia, invocados na *epiclese* (CatIgCat 1109).

Estamos perante uma concretização da dimensão consequencial da Liturgia: as «maravilhas de Deus» celebradas e oferecidas aos crentes nos sacramentos da Igreja não podem deixar de dar os seus frutos na «vida nova em Cristo» (CatIgCat 740). «O mistério de Cristo é celebrado pela Igreja na Eucaristia, ... para que seja manifestado pela caridade em acto» (CatIgCat 2718). A celebração do mistério de Cristo na Liturgia visa, precisamente, que os fiéis dele vivam e dele dêem testemunho ao mundo» (CatIgCat 1068). E é precisamente nos sacramentos que os cristãos recebem a graça de Cristo e os dons do Espírito que os tornam capazes de levar uma vida digna do Evangelho (CatIgCat 1692).

É tempo de concluir. Remeto-vos, agora, para a capa do Guião das celebrações litúrgicas deste Encontro. Tem a palavra Sua Santidade, o Papa Bento XVI:

«Sacramento da Caridade, a santíssima Eucaristia é a doação que Jesus Cristo faz de Si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem. Neste sacramento admirável, manifesta-se o amor «maior»: o amor que leva a «dar a vida pelos amigos» (Jo 15, 13). De facto, Jesus «amou-os até ao fim» (Jo 13, 1). Com estas palavras, o evangelista introduz o gesto de infinita humildade que Ele realizou: na vigília da sua morte por nós na cruz, pôs uma toalha à cintura e lavou os pés aos seus discípulos. Do mesmo modo, no sacramento eucarístico, Jesus continua a amar-nos «até ao fim», até ao dom do seu corpo e do seu sangue. Que enlevo se deve ter apoderado do coração dos discípulos à vista dos gestos e palavras do Senhor durante aquela Ceia! Que maravilha deve suscitar, também no nosso coração, o mistério eucarístico!

As nossas comunidades, quando celebram a Eucaristia, devem consciencializar-se cada vez mais de que o sacrifício de Jesus é por todos; e, assim, a Eucaristia impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se «pão repartido» para os outros e, conseqüentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno. Como sucedeu na multiplicação dos pães e dos peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, exortando os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: «Dai-lhes vós de comer» (Mt 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, *pão repartido para a vida do mundo*.

A união com Cristo, que se realiza no sacramento, habilita-nos também a uma novidade de relações sociais: “a *mística* do sacramento tem um carácter social, porque (...) a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou hão-de tornar Seus”».

[BENTO XVI, Ex. Apostólica *Sacramentum Caritatis*, nn. 1, 88, 89].

Fátima, 24 e 25 de Julho de 2012  
P.<sup>e</sup> João da Silva Peixoto